

# 

## SEMANARIO

### REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Bulhão Pato; C. Castello Branco; Casimiro Dantas; C. Bellem; E. Schwalbach; F. Caldeira; P. Palha; D. G. Torresão; Galbis (A.); J. C. Machado; Julio de Menezes; L. A. Palmeirim; Manuel de Assumpção; Marcellino Mesquita; Pedro dos Reis; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomas Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor; etc.

#### SUMMARIO

TEXTO.—*Chronica*, por C. Dantas.—*Tentação*, soneto, por C. Dantas.—*Garrett e o seu tempo*, por Pinheiro Chagas.—*No espelho d'uma criança*, versos, por Luiz Osorio.—*As nossas gravuras*—*O meu desejo*, soneto, por Manuel Vaz.—*Em família*, (Passatempo).—*Um conselho por semana*.—*Historia de um beijo*, por Magalhães Fonseca.

GRAVURAS.—*Convento de Brancanes, em Setubal*.—*Uma partida de xadrez*.—*Uma flor entre flores*.—*Condemnada*.—*Deitando o barco a nado*.

Vae a gente, na melhor das intenções, illudido pela doce limpidez d'uma atmosphera sem nuvens, dar o seu obulo ás raparigas abandonadas, no bazar do Passeio da Estrella, e vem de lá distillando chuva por todas as costuras do fato, acoutado por uma ventania agreste que lhe desmancha o alinho do cabelo, enregelado por um nordestesinho cortante, com acompanhamento de relampagos em zig-zague e de trovões em oitava abaixo.

Parece que até o proprio Jeovah conspira contra o santo exer-

#### CHRONICA

De que hei de eu fallar-te hoje? da Primavera? E' assumpto gasto e estafado. Não vale um madrigal, não merece sequer um adjectivo.

Podem vir dizer-me que o sol teve irradiações suaves, para affagar as cabeças bem penteadas dos artilheiros carolas, durante o transito da velha procissão da Saude; que o rouxinol ensaia as primeiras notas da sua ballada amorosa no arvoredo de Cintra; que os campos estão embalsamados pelo perfume das violetas, e que já desfilam alegres, pelas ruas symetricas da Baixa, entoando uma symphonia triumphante, *toilettes* ligeiras e multicores, frescas como carapinhadas, diaphanas como veus de noiva.

Eu não acredito nas doces irradiações do sol, nem nos concertos festivos da Natureza, nem nas *romanzas* apaixonadas dos rouxinoes. Enquanto me sentir bem, dentro das minhas flanelas tepidas, e a chuva fizer o desespero do meu chapéu alto, supponho que estou em plena inverno e que as borboletas dormem ainda, a somno solto, no fundo das suas chrysalidas, a despeito dos annuncios pomposos do kalendario.

Isto não é Primavera nem coisa que se lhe assemelhe: é uma caçada do Creador, uma troça do Padre Eterno.



CONVENTO DE BRANCANES, EM SETUBAL

cicio da Caridade de portas a dentro, molhando as festas dos nossos pobresinhos.

E, segundo dizem as gazetas, é só entre nós que a Primavera se mostra retardataria. Em Paris, por exemplo, já os poetas saudaram ha muito o seu regresso. Houve quem a tivesse visto chegar ao parque Monceau, envolta n'uma atmosphera d'ouro e ro-



as, e passeiar entre as alças do bosque de Bolonha, pelo braço d'uma loira *cocotte* vestida de *blue-ciel*.

Ali sim, que se beijam as andorinhas, e os rouxinões—tenores feiticeiros—entoam canticos festivos saltitando de ramo em ramo.

Foi por isso, seguramente, que a minha collega D. Guiomar Torrezão levantou o vôo da pallida Lisboa, e foi a Paris doudejar pelos Campos-Elyseos, enquanto eu me aborrego aqui, na eterna samsaboria da chronica, acorrentado á penna que detesto, prezo diante d'uns quartos de papel branco que abomino.

Ella, a feliz, ha de vêr pôr-se o sol, da Cascata do Bois; ha de exhibir todas as finas subtilezas do idioma pariziense, em doce *tête-à-tête* com Alexandre Dumas filho; beijar a sua loira Devriès; abraçar affectuosamente a sua bella Judic; estender a mão a Sarah Bernhardt; assistir aos *five o'clock tea* da baronne Adolphe de Rothschild; percorrer embevecida e deslumbrada os salões où *Pon cause*, da condessa d'Argy; as salas où *Pon potine*, de madame de Lagrené, e o *boudoir* où *Pon pschuttise*, da condessa de Brigode.

A princeza Rattazzi, sua dilecta, apresental-a-ha ao conde de Morny, ao marechal de Mac Mahon e ao presidente da republica. Sardou ler-lhe-ha a sua ultima comedia; Maupassant o seu ultimo conto ainda inedito; madame de Peyronnie as provas d'um artigo que vae publicar no *Figaro*.

Sarcey terá para ella um d'aquelles sorrisos rabelaisianos, que lhe são peculiares; Ferry explicar-lhe-ha como cabiu o seu ministerio, e Alexandre Dumas far-lhe-ha a promessa d'uma nova epistola, descompondo o Gervasio Lobato por não pagar aos aucthores francezes os direitos das traducções para o Gymnasio.

A Judic, representando a *Femme à Papa*, nas Variedades, cantará em sua honra uns *couplets* novos. No *foyer* da Comedia Franceza reunir-se-hão, para a receber solemnemente, todos os artistas dramaticos d'*élite*. Cavaquear-se-ha muito, sobre esta nesga de terra ignorada onde ninguém sabe o francez e onde a Primavera se envergonha de despejar em cima de nós a sua cornucopia de graças.

Assistindo sorridente e boquiaberta a tudo isto, abraçada por uns, festejada por outros, contemplada curiosamente por todos, a minha estimavel collega terá assumpto de sobra para umas bellas cartas, cheias de colorido e palpitantes d'interesse, que o *Diário Illustrado* deve publicar, na sua pagina de honra, dentro de poucos dias, e que o nosso indigena saboreará, entre a *omelette* e o chá do almoço, mordido por um pequenino sentimento d'inveja, com pena de que a traductora da *Denise* não o tivesse levado dentro da mala, envolto em dois pares de meias de seda, ou n'uma dobra do *corsage rose pâle*.

Enquanto ella flana descuidosamente pelos *boulevards*, janta no Café Riche ceia no Tortoni, com *Champagne* e trufas, colhe flores no jardim do Luxembourg, e assiste ás recepções de madame de Rutte, nós vemos sair da ermida da Mouraria, com anjinhos d'azas de tarlatana, e os musicos pretos de S. Thomé no conee, a procissão de Nossa Senhora da Saude; assistimos, no Gymnasio, aos espectaculos d'uma companhia franceza de terceira ordem, muito patusca: jantamos patriarchalmente, em casa, o *menú* habitual, sem *hors d'œuvre* appetitosos; ouvimos o *Fausto* no Colyseu, e celamos no Silva.

Desponta o dia seguinte, e á falta de procissão, temos o bazar da Estrella, convidando-nos a comprar sortes em branco, ou a apanhar um aguaceiro forte.

Dissipada a vertigem que todos estes prazeres produzem, extinta a febre que se gera n'este redemoinho de gozos estonteadores, chega-nos ao ouvido a noticia de que o governo apresentou ao parlamento uma proposta tendente á organização autonoma do municipio de Lisboa; veem dizer-nos que varios despachantes, alguns logistas e dois ou tres empregados aduaneiros subalternos, da capital, apanharam uma indigestão d'assucar: convidam-nos a apreciar como compositor musical o barytono Sparapani; segredam-nos que as touradas do Campo de Sant'Anna são magnificas; que o ultimo baile do sr. conde de Magalhães foi d'um esplendor nunca visto até hoje pela nossa sociedade elegante, e que Paulus, o rei da cançoneta, vale bem os quinze tostões por que se vende cada *fauteuil* do Gymnasio.

Quanto á proposta de lei que reorganisa o municipio de Lisboa, confesso ingenuamente:—não a li. Os projectos governamentais massam-me; e de resto, agora está em moda não os ler nem os discutir, por bons que sejam.

Do roubo dos direitos d'assucar praticado na alfandega, não vale a pena fallar-te. O thesouro é rico, o assucar é doce, e a humanidade é fragil. Se as lambarices não a tentarem, o que ha de tentá-la?

A *Ave-Maria* de Sparapani, cantada em S. Carlos por uma amadora distincta, pareceu-nos ultra-plangente, sem elevação nem colorido. Com franqueza, gostamos muito mais do barytono que do compositor, preferindo ao Sparapani da *Ave-Maria* o Sparapani da *Caravana*.

As touradas do Guerra são effectivamente extraordinarias, pela qualidade dos curros, pelos embellezamentos da praça, e pelo garbo e valentia dos lidadores.

O baile dos condes de Magalhães foi o assumpto capital da semana. Assistiu a elle tudo quanto ha de mais elegante, de mais aristocratico e gentil em Lisboa, para ver quanto Lisboa encerra de mais rico e distincto.

Os donos da casa—um palacio feerico mandado construir por D. João V—mostraram aos seus convidados salões riquissimos, onde se admiram, em *pête-mêle* artistico, quadros de Murillo e de Rembrandt, bellos candelabros de Saxe, ricas porcelanas de Sevres, soberbos estofos de Gobelin, esplendidas loiças authenticas do Japão, e *bibelots* d'um valor incalculavel; offereceram-lhes uma ceia de principes; deram-lhes os deslumbramentos d'uma vivenda encantada.

Em troca, os convidados offertaram-lhes as flores do seu espirito, exuberantemente manifestado nas marcas gentilissimas d'um *cotillon* de bello effeito, novo, lindo, adoravel.

Entre essas marcas, havia a das *carteiras*, umas carteirinhas elegantes, offerecidas pelos homens ás senhoras, e em que se liam versos primorosos.

Aqui te dou, como amostra, uma encantadora sextilha, firmada por Fernando Caldeira:

Vamos valsar, Viscondessa?  
Mas lembro-lhe os meus conselhos:  
Para evitar que entonteça,  
Não olhe, curve a cabeça  
Ao passar pelos espelhos...  
Vamos dançar, Viscondessa?

Além dos versos, quizera fazer-te presente d'uma carteira, mas não posso.

E o Paulus? Vale o dinheiro? Merece os applausos do publico? Vale e merece. Todavia, as caretas d'este endiabrado *gaillard* parisiense fazem-nos pensar n'uma coisa: se Taborda tivesse vinte annos menos... se elle pudesse rejuvenescer e debellar aquella surdez rebelde...

C. DANTAS.

## TENTAÇÃO

As vezes nasce em mim o fervido desejo  
Não sei se bestial, mas grande, fundo, ardente,  
De ir dar alento e vida ao teu amor dormente,  
Pourando n'essa bocca um prolongado beijo.

Depois, fico indeciso, hesito, sinto pejo,  
E ponho-me a pensar se um osculo fremente  
Em vez d'ir accender essa affeição latente,  
Fará morrer de todo a esperança porque almejo.

Por fim, a tentação evae-se-me fugaz;  
Evoca o Deus da Fé, repullo Satanaz,  
E o beijo não se dá... e o teu affecto dorme

Ah! Se elle não accorda um dia, scintillante,  
Brilhando n'esse olhar com a chamma crepitante  
Das grandes commoções... que desventura enorme!

C. DANTAS

## GARRETT E O SEU TEMPO

XVII

A historia da Maria da Fonte não está feita, mas vão-se congregando para ella bastantes documentos, insufficientes ainda assim. D'aqui a pouco succede com o movimento revolucionario de 1846 o que já está succedendo com as campanhas da Liberdade. Vão desaparecendo os actores que tomaram parte n'esses acontecimentos, e não ha quem possa referir *de visu* o modo como as coisas se passaram.

Teixeira de Vasconcellos, que, pelo seu espirito essencialmente parisiense, era o mais proprio possivel para escrever a historia intima da revolução do Minho em que desempenhou, apesar da sua mocidade, um papel importantissimo, teve a desastrada idéa de aproveitar as suas recordações pessoais para escrever um romance historico, o *Prato de arroz doce*, livro a que se não podem ir pedir com toda a confiança os subsidios que ali se encontram, porque realmente se não sabe onde a memoria pára e onde a imaginação começa.

O famoso padre Casimiro escreveu tambem, debaixo do seu ponto de vista, a historia dos acontecimentos em que tomou parte na sua qualidade de guerrilheiro miguellista, e esse livro serviu



de base a outro de Camillo Castello Branco, publicado recentemente e que ainda não tivemos occasião de ler. E que mais ha? Mais nada. Os folhetos contemporaneos, eivados de paixão partidaria, umas paginas soltas aqui ou além, ao vento da publicidade jornalística, mas nem Sá da Bandeira, nem José Passos, nem Saldanha, nem Palmella disseram o muito que sabiam acerca d'esses acontecimentos.

A emboscada de 6 de outubro é o primeiro facto, que merecia uma larga historia. Uns accusam muito a rainha D. Maria II, outros defendem-na calorosamente. Pela nossa parte estamos convencidos que nem uns, nem outros teem razão. A emboscada de 6 de outubro foi a repetição feliz da Belemzada, que não fora bem succedida. Estamos perfeitamente convencidos de que a rainha adheriu de alma e coração a estes dois movimentos, mas estamos convencidos, tambem, de que estava no seu plenissimo direito de o fazer. Nós podemos sympathisar mais vivamente com o partido derrubado em 6 de outubro do que com o partido que triumphou, mas o que não podemos é reconhecer o direito da revolução sem reconhecer egualmente o direito da contra-revolução. Desde o momento que as coisas se decidem pela força das armas, os vencedores de hoje andam um pouco levemente quando chamam «traição» a um movimento exactamente analogo ao que elles fizeram, só porque esse movimento os transforma nos vencidos do dia seguinte. Foi a revolução que impoz á rainha o ministerio de maio, foi a contra-revolução que deu á rainha o ministerio de 6 de outubro. O que ha de mais difficil nas luctas civis é reconhecer o direito dos adversarios. Todos os partidos entendem que teem a seu favor a vontade popular, e todos por conseguinte chamam aos inimigos «traidores a patria». Quem desejar ser justo ha de reconhecer que nas revoluções, se o direito de ataque é legitimo, não o é menos ou o direito de defeza ou o direito de desforra.

Quem andou correctamente n'essa occasião foi a cidade do Porto. Apenas lhe constou que a guarnição de Lisboa derrubara o ministerio Palmella, e pozera á frente dos negocios um ministerio cabralista com o duque de Saldanha por presidente, não perdeu tempo em fazer accusações de tração. Responden a um golpe com outro golpe. Pegou em armas, prendeu o duque da Terceira, e insurgiu-se. Ora isso é que é.

Contaram-me, e n'estas paginas fugitivas vou consignando tanto quanto posso as anedotas que vou colhendo da bocca dos actores, que ainda vivem, d'esses grandes dramas da historia, contaram-me pois uma phrase do duque de Palmella, phrase muito simples, mas que mostra bem como aquelle fino diplomata, que tantas coisas vira, que assistira a tantas revoluções e a tantas contra-revoluções, se não deixava illudir facilmente pelas comédias da politica.

Era no dia 6 de outubro. Havia uma vaga agitação na cidade. Sentia-se que se preparava algum grande acontecimento. O duque de Palmella fira ao Paço, e parece que alguém lhe dissera que a opinião estava sendo desfavoravel á manutenção do ministerio. Para lhe demonstrarem a verdade d'esta asserção, chamaram o commandante da guarda, e pediram-lhe que expozesse sem receio á rainha o que se passava e o que se dizia nos corpos.

O capitão, convenientemente industriado, observou que effectivamente lavrava na guarnição um profundo descontentamento, que todos lamentavam que o marechal Saldanha, que tanto prestigio tinha no exercito, não encontrasse ainda vago o seu lugar de ministro da guerra.

O duque de Palmella, sem responder, meneava a cabeça, e, quando o capitão parou, disse apenas:

—Sim senhor! tenho entendido.

O capitão, obedecendo a um olhar do padre Marcos, continuou dizendo que o commercio tambem não estava satisfeito, que a organização da guarda nacional descontentara muita gente.

E o duque de Palmella, impassivel, meneava a cabeça e dizia:

—Sim senhor, tenho entendido.

E, por mais que o capitão se esfalsasse, por mais que a rainha perguntasse a opinião do duque, nunca lhe poderam arrancar outra phrase senão:

—Tenho entendido.

E tinha. A demissão não o surpreendeu.

Brotou emfim a terrivel revolução, que a muito custo foi subjugada. Desgraçadamente, e esse, emquanto a nós, foi o erro capital da politica d'esse tempo, veio a intervenção estrangeira. Sem essa intervenção, a junta do Porto tambem não teria triumphado, mas a revolta terminaria por uma transacção, e o paiz teria ganho quatro annos, que foram perdidos para o seu progresso e para a sua tranquillidade.

A revolução não teria triumphado, essa é que é a verdade, e não nos parece que seja esse um problema historico ainda obscuro e difficil. O sr. Gomes de Amorim parece suppôr que a junta se deixou vencer de proposito, porque estava demasiadamente comprometida com os miguelistas, e temia que o seu triumpho ao mesmo tempo fosse a perda da liberdade. Tudo isso é uma perfeita illusão. A Junta foi vencida, porque não tinha os elementos militares necessarios para a victoria, tinha elementos de resistencia, mas não de triumpho. Basta dizer que os seus generaes eram Antas, Bomfim e Sá da Bandeira, e que o general do

exercito cabralista era Saldanha, o primeiro estrategico do seu paiz e um dos primeiros do seu tempo.

Antas, um soldado heroico, era um general perfeitamente ignorante dos rudimentos da sua arte. O que elle fez em Hespanha honra a sua coragem cavalheiresca, mas dá ao mesmo tempo um triste documento dos seus talentos de general. Era um paladino e não um capitão.

Bomfim, mais instruido, passando mesmo por excellente official, tinha uma falta de iniciativa que o tornava absolutamente improprio para commandar em chefe, e sobretudo um azar que lhe tirava a confiança dos soldados. Bomfim tinha tambem uma estrella, como Napoleão, mas não era a estrella de Austerlitz e de Marengo, era a estrella das capitulações. Exercito, que elle commandasse, capitulava por força.

Eu conheci um rapaz intelligentissimo e espirituoso, Adriano Carlos de Mendonça Arraes, que estivera em Torres Vedras. Doze ou quatorze annos depois, ia elle para Belem com um amigo seu, militar, quando no Caes do Sodré foi assaltado pelo patrão do barco da carreira de Belem, que o convidava a entrar.

—Mas olha que eu, dizia-lhe Adriano Carlos com a exuberancia de palavra que possuia, quero partir immediatamente.

—Só faltavam dois passageiros. Entrando os senhores, largamos já.

Saltaram para o bote, que effectivamente começou logo a afastar-se da praia.

Adriano Carlos fizera um comprimento circular, quando deu de repente com os olhos n'um dos passageiros. Apenas o vê, grita:

—Pára! atraca já! Quero saltar para terra!

—Mas senhor... bradava o patrão estupefacto.

—Atraca immediatamente, já te disse.

Não houve remedio senão obedecer. Então Adriano Carlos, já com um pé na amurada, volta-se para o passageiro, e diz-lhe:

—Com v. ex.ª, nem para o céu.

Era o conde de Bomfim.

Em terra o seu companheiro, que ia fardado, exprobrava-lhe amargamente o procedimento que elle tivera com um general, e que lhe podia acarretar desgostos.

—Calate! dizia-lhe Adriano Carlos, dando-lhe o braço, e com impagavel seriedade. Salvei-te a vida. Bote que leve o conde de Bomfim. Vira-se a meio caminho.

Já morreu esse espirituosissimo companheiro, cuja bondade serve para exprimir bem o sentimento geral que reinava no exercito com relação ao conde de Bomfim.

Sá da Bandeira era o bravo dos bravos, mas nunca foi senão soldado. Em o cheiro da polvora lhe subindo á cabeça, não pensava senão em se bater, e esquecia-se completamente dos deveres do commando.

Contra estes homens manobravam Saldanha, que teve n'essa campanha de 1846 e 1847 uma das suas glorias estrategicas, o conde do Casal, que desde a campanha de Montevideo era conhecido como o nosso melhor general de cavallaria, Vinhaes que era um official solido, Schwalbach e Santa Maria, que nada ficavam a dever em bravura a Antas e Sá da Bandeira. Do lado da revolução estavam as guerrilhas e o povo entusiastico, mas do outro lado estavam os batalhões seriamente organizados, e são esses os que vencem.

PINHEIRO CHAGAS.

## NO ESQUIFE D'UMA CRENÇA

Dorme!... Deixal-a dormir!  
Na lta semi-aberta  
Dos labios descórados  
Anda-lhe o paço a sorrir...  
Cuidado, se ella desperta  
D'esses mundos infinitos  
Onde se vive a sorrir!  
Dorme! Deixal-a dormir!

Esconde a medo nas tranças  
O sorriso que a embala...  
Dormem assim as creanças...  
Deixal-a dormir! Deixal-a!

Sonha!... Deixal-a sonhar!  
A' meia luz entre-aberta  
Dos olhos desmaiaditos  
Anda-lhe a mãe a brincar...  
Cuidado, se ella desperta  
D'esses mundos infinitos!...  
Os sonhos são tão bonitos!  
E' tão bonito o brincar!  
Sonha! Deixal-a sonhar!

A boquinha enlanguescida  
Finge fallar... e não fallar!  
Coitadinha!... Adormeçida!  
Deixal-a dormir! Deixal-a!

Luiz Oomeno.





UMA PARTIDA DE XADREZ





A CONDEMNADA





UMA FLOR ENTRE FLORES



## AS NOSSAS GRAVURAS

CONVENTO DE BRANCANES, EM SETUBAL

A nossa primeira estampa representa o antigo hospício de *Nossa Senhora dos Anjos*, de missionários apostólicos em Setubal, fundado pelo veneravel frei Antonio das Chagas, em 1682, e auxiliado por el-rei D. Pedro II.

Eis o que diz a respeito d'este mosteiro o sr. Barbosa Vilhena, n'um dos seus livros:

«Como este hospício foi edificado em um terreno, que de tempos antigos chamavam de *Branca Annes*, veio a ser conhecido o hospício pela denominação popular de *Brancanes*, e o mesmo nome passou aos religiosos. Este edificio, com a sua cerca arborizada, está situado n'uma encosta junto a cidade, em uma posição muito aprazível e pittoresca. A sua pequena e modesta igreja encerrava outr'ora uma preciosidade artistica de grande valor. Era um quadro original do celebre Raphael d'Urbino, representando a Anunciação de Nossa Senhora. Dizem que este painel foi enviado de presente pelo papa Innocencio XI a rainha D. Catharina, filha de el-rei D. João IV, e que, tendo enviuvado de Carlos II, rei de Inglaterra, voltou para Lisboa. Algum tempo depois da morte d'esta princeza, foi o quadro doado aquelle hospício, cremos que por seu sobrinho, o infante D. Francisco, filho de D. Pedro II. Pela extinção das ordens religiosas, veio aquelle primor de arte enriquecer a galeria de pinturas da academia de bellas artes de Lisboa, onde se acha ao presente.»

UMA PARTIDA DE XADREZ

E assim passam todas as noites, aquellas duas viciosas creaturas.

O Xadrez representa para elles o supremo gozo. Jogam, fumam, ralhiam, descompõem-se... o que leva *cheque e mate*, n'alguma partida arrevezada, promette não tornar a jogar, mordido pela troca do parceiro, mas afinal o vicio pode mais que essas vans promessas, e arrasta-os quotidianamente para aquelles duetos tremendos, em que o vencedor de hoje é o vencido d'amanhã.

No fim de contas, são dois caturras que não incommodam a humanidade, e por quem não vem mal ao mundo.

UMA FLOR ENTRE FLORES

Flores por toda a parte. E' o que os nossos olhos encontram, n'este abril encantado e feitiço.

Todavia, ha flores animadas, cuja formosura avanta a da rosa, cujo perfume inebria mais que o da violeta.

Aquella gentil sevillana, ajoelhada no amplo balcão do seu palacete, contemplando entre flores a provissão que passa, excede a todas as outras em belleza e aromas.

O peor é que um olhar seu tambem mata as vezes, como a sombra letal da manecinha.

Uma rosa inoffensiva não faz d'aquillo.

CONDEMNADA

Pela *mise-en-scene* lugubre que a rodeia, adivinha-se quem é a pobre condemnada:—Joanna d'Arc.

A heróica resignação que se lhe divisa no rosto impassivel e sereno, denuncia-nos, logo ao primeiro olhar, a *Virgem d'Orléans*, morrendo sobre a fogueira.

Sabe-se a historia d'aquella heroína franceza, cujo nome encheu o mundo, e cujo animo viril e masculino apavorou os inglezes.

O povo maravilhado ajoelhava na sua passagem. As multidões adoravam-na como a um ser sobrenatural. A sua fama espalhou-se por toda a França, indo além do Rheno e dos Alpes. Diante do seu estandarte glorioso prostraram-se exercitos aguerridos e valentes.

Mas, como nada n'este mundo é duradoiro, a gloria de Joanna d'Arc eclipsou-se depressa. Aos seus dias de triumpho, succederam-se horas amarissimas, de indizível martyrio.

Depois de ter levantado o cerco d'Orléans e de haver assegurado a França esplendidas victorias, a sonhadora Joanna foi vendida por 16.000 libras aos inglezes, com o assentimento do duque de Borgonha, e os politicos da Inglaterra decidiram que ella fosse julgada como feitiçeira e heretica.

O bispo de Beauvais, Pedro Cauchon, encarregou-se de presidir ao tribunal ecclesiastico que julgou a heroína. Em 20 de fevereiro de 1431 iniciou-se este processo iniquo, em que Joanna d'Arc foi mais sublime do que nunca, d'uma eloquencia forte e singela, d'uma fé simples e fervente, d'um bom senso que destrua todas as subtilidades dos juizes, sempre cheia d'amor pela França e de respeito pelo seu rei que a abandonava.

Joanna assignou, com uma ignorancia ingenua, uma abjuração differente d'aquella que lhe leram no tribunal, e foi condemnada a prisão perpetua, com prohibição de tornar a vestir fútos de homem. Os inglezes ficaram furiosos; queriam ainda mais: desaja-

vam a sua morte. Durante a noite, roubaram-lhe os vestidos de mulher, e Joanna d'Arc viu-se forçada a envergar de novo a sua armadura de guerreiro. Por tal motivo, condemnaram-a, como relapsa, a ser queimada viva. A terrivel sentença foi odiosamente executada na praça do Vieux-Marché, em 30 de maio de 1431, sem que a coragem da famosa heroína se desmentisse um só instante.

Carlos VII arrependeu-se mais tarde da sua revoltante ingratição, mas já não havia remedio. A *Virgem d'Orléans* tinha morrido queimada na praça publica, com o corpo amarrado a um poste ignominioso.

E' n'essa attitude que a nossa gravura a representa.

DEITANDO O BARCO A NADO

Um quadro das nossas praias, illuminado pelo sol do verão.

Simple na sua contextura, e verdadeiro em todos os seus detalhes, não precisa de que o descrevamos minuciosamente.

Tres pescadores tratam de deitar a nado o barquito veleiro onde vão lá fora, na costa, ganhar o sustento quotidiano.

E' a hora da maré, e qualquer pequenina delonga prejudica-os-ia.

Por isso o mais velho da companhia, empurrando a canôa para dentro d'agua, diz á ré, para um *mirone* que os contempla, de mãos nos bolsos:

—A'la, que se faz tarde!

## O MEU DESEJO

Ha quem deseje ser, na fama, um Calderon  
Ou quem tambem aspire aos louros d'Walter-Scott;  
Uns quereriam ser Henault, outros Buffon,  
Alguns Mozart ou Dante, O Cromwell, Bonleau

Alguns hão d'invejar esse impio Diderot,  
E muitos—quem o sabe?—o sceptico Zeno;  
Hay ra, pelo contrario, amantes d'un Jacob  
Ou quem deseje ser, na fama, um Salomão

A outros tentara Pompeu, Catão ou Mario,  
A alguns Colombo ou Vasco, a muitos um Pombal.  
E muitos gostarão d'un Crésus millionario.

Eu sou, no meu desejo, um tanto original  
Quizera ir de visita ao mundo mortuario;  
Ser Lazaro pr'a ver o mundo immaterial.

Arco de Val de Vez.

MANUEL VAZ.

## EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

### PEQUENA CORRESPONDENCIA

A. G. E. M.—Providencias!—Houve já quem as pedisse contra a demasia de «passatempos», e quem fulminasse com as suas iras leoninas a publicação de problemas de xadrez, d'enigmas pittorescos, de problemas e até de charadas.

Tem havido de tudo. Preferiam outra materia, e nós, procurando ser-lhes agradaveis, encurtámos a secção que v. ex.<sup>a</sup> deseja ver mais extensa.

Se pode, aconselhe-nos o modo d'agradar a gregos e a troyanos, ficando certo de que ha por cá muita vida e... muito bons desejos.

### CHARADAS

NOVISSIMAS

Não é coisa muito limpa, mas toma-se e limpa—2—4.

M. S. VALENÇA.

Tem valor este animal vermelho e branco—2—4.

No Chili e na Russia é hortaliça—4—3.

Este instrumento pode matar o poeta—2—4.

Funchal.

ESTEVÃO AFFONSO.

Offerece a dona este presente—4—2.



E' inconstante na musica esta doença—3—1.

## EM VERSO

NINGUEM & C.<sup>a</sup>

Para primeira, leitor,  
Um adverbio has de encontrar.—1  
P'ra segunda, matador,  
Um pronome has de matar.—1  
P'ra terceira, decifrador,  
Um verbo has de decifrar.—1

Junta prima com segunda,  
E ambas co'a derradeira,  
Verás, sem arte profunda,  
Nome d'ave brasileira.

## EM DIAGONAL

THAUMATURGO.



Se assim moteja, tem graça  
Fazes bem, p'ra não cansar.  
Pobre louco, que desgraça!  
Fazei-o sempre nas cartas  
E buscae-me junto ao mar.

Nas duas diagonaes  
Cruzam-se as mesmas vogaes.

Bensafrim.

G.

## ACROSTICO GEOGRAPHICO

Dispôr as 19 syllabas seguintes:  
Ves—Ting—A—Na—Ers—Te—Sil—Ben—Zell—Can—Feld—  
Mur—Li—Hun—Ta—Ap—To—Don—Pen.

Do modo que dêem os nomes das seguintes cidades europeas:

Cidade suissa—

italiana—

ingleza—

prussiana—

belga—

hespanhola—

portugueza—

Formando as letras iniciais e as finais os nomes de duas ou-  
tras cidades também europeas.

A. MARQUES PEREIRA.

## LOGOGRIPHO

(Ao sr. N. A. d'Albuquerque)

Sendo rio, meu amigo,—7—13—11—2—13  
Rio pode procurar.—11—8—10—9—6—11  
Porém, achando animal,—12—8—2—3—10  
Tambem rio ha de achar—1—5—8—2—3

O todo, meu caro amigo,  
De mim queira receber;  
Pois que mui reconhecido  
Lh'o envio com prazer.

JOSE DIAS VELLOSO.

## ENIGMAS

(Ao exímio charadista, o sr. Augusto Luiz Lillão)

Meu todo tem cinco letras,  
Que, reduzindo-se a tres,  
Vão tres syllabas formar.  
Como tu de certo vês.

São eguaes primeira e quinta,  
Segunda e quarta também.  
Só a terceira, leitor,  
E' que outra igual não tem.

A's direitas e ás avéssas  
O mesmo nome verás.  
O meu todo, termo chulo,  
Facilmente encontrarás.

J. G. DA CRUZ MENDONÇA.

## PROBLEMA

Sendo 32 a somma de dois numeros, e 3718 a somma dos seus  
cubos, calcular o valor dos numeros.

MORAS D'ALMEIDA.

## DECIFRAÇÕES

DAS CHARADAS:—Trovador—Reforma—Moscado—Argonautas—  
Avelino—Vagalume—Isaias—(Es-tri-bo, tri-den-te, bo-te-lha).  
DOS LOGOGRIFOS:—Theodolinda—Harpocrates.  
DO PROBLEMA:—205:200 combinações.

## A RIR

Final d'uma conversação:

—Fulano é tão estúpido, que, quando disento com elle, chego  
a convencer-me de que sou eu o idiota!

Annuncio colhido n'um jornal francez:

ROBERTO

CABELLOS PARA NOIVAS

ALUGAM-SE POR UMA NOITE!

UM DOMINGO.

## UM CONSELHO POR SEMANA

Receita para debellar as colicæ:

Misturam-se duas colheres d'assucar com doze gotas d'agua de  
flor de laranjeira: junta-se-lhe uma colher de sopa, d'azeite, en-  
tra d'agua fria, e tres colheres d'agua a ferver, batendo muito  
bem o conjunto.

Toma-se esta poção, por uma só vez, e a colica desaparece-  
rá d'ahi a pouco.

## HISTORIA DE UM BEIJO

Estavam quasi a terminar as ferias d'aquelle anno lectivo, esse  
delicioso interregno dos trabalhos escolares que todos os estu-  
dantes ambicionam com a desculpavel ansiedade de quem sente  
no coração o vazio profundo dos affectos, dos carinhos e das ter-  
nas sollicitudes da familia. O Joãozinho, apesar de diligente e es-  
tudioso, apesar de devorado pela insaciavel sede do saber e pelo  
estímulo generoso e viril de se crear pelo trabalho e pelos es-  
forços da propria intelligencia uma posição que lhe garantisse  
um futuro despreoccupado e facil, não sentia, contudo, o mínimo  
desejo de transpôr de novo os humbraes do seu collegio, cujo  
recinto austero e glacial se lhe affigurava agora povoado de phan-  
tasmalugubres e de visões importunas e tenebrosas...

Aquelles dois mezes, que elle passára na doce liberdade de  
uma aprazível villegiatura, tinham-n'o transfigurado completa-  
mente. Sentia-se mais forte, mais robusto, e sobretudo muito mais  
alegre. Voltára do collegio magro e abatido, com o bistro das  
olheiras profundamente carregado e as faces retintas de uma  
pallidez cadaverica; e a familia, receiosa de ver assim fanar-se  
aquella delicada compleição de adolescente, quizera que elle sa-  
bisse de Lisboa, esperanças em que o ar sadio do campo lhe  
restauraria as forças e o sangue, vampirizado por uma crescente  
anemia. Foi assim que o Joãozinho se installou na casa de campo  
do primo Gouveia, uma encantadora vivenda onde os dias lhe ha-  
viam decorrido tão delectuosos, que já agora lhe era difficil con-  
formar-se com a idéa de voltar de novo ás lides escolares, ao ca-  
bo das quaes, no entanto, elle entrevia os desvanecimentos da  
gloria e as alegrias do trabalho recompensado.

O primo Gouveia, homem sério e abastado, era um bom e ge-  
neroso character, e tinha para elle toda a austera sollicitude de  
um pae, temperada pela expansiva bonhomia de um amigo. Ca-  
sára havia mezes, e o genio affavel e attrahente de sua mulher  
contribuia também, em grande parte, para accrescentar novos  
encantos áquella deliciosa convivência. Izabel, muito mais nova  
do que o marido, era uma formosa loira, delicada e *mignonne*, per-  
fil correcto e suave, tez pallida e velludinea e olhar de um azul  
acariciador e terno. Era uma natureza impressionavel e sensi-  
vel, embora sem arrebatamentos nem transportes. Sentia pelo  
marido um mixto de affeição e de respeito, e da alliança dos dois  
conjuges, embora desigual no tocante a edades, originára-se o  
mais tranquillo e invejavel *ménage*.

Na doce intimidade dos primos, que tanto o estimavam e a  
quem elle tanto queria, sentia-se o Joãozinho extremamente fe-  
liz, e por isso, ao pensar que aquelle periodo de bucolico reman-  
so havia de findar em breves dias, possuía-se da mais profunda  
e desesperada tristeza. O collegio, para elle, tinha agora o aspecto  
frio de uma prisão soturna. Chegava a crer que não resistiria á  
dolorosa commoção de abandonar as suas excursões salutaras  
pelos campos, os longos passeios á beiramar, as leituras ame-  
nas, ás horas calidas da sesta, sob a copa protectora das arvo-  
res, os apraziveis colloquios com a amavel priminha, debaixo dos  
caramanchões floridos, aspirando o aroma penetrante das magno-



lias, enfim, todos os prazeres, que a vida do campo lhe proporcionara durante aquelles dois mezes estivares. Sobretudo, a lembrança de que no collegio não velaria junto d'elle o olhar luminoso da prima, de que não lhe allagaria o ouvido o timbre melodioso da sua voz argentina, affligia-o sobremaneira sem elle mesmo saber explicar o motivo. Nada, não podia ser:—elle não a amava. Na abençoada candura dos seus dezeseis annos chegava até a horrorisar-se só com a idéa de que algum dia podesse alimentar esse sentimento pela esposa d'aquelle homem tão digno, tão respeitavel, e a quem elle era devedor das mais extremadas linezas. Um tal amor seria uma profanação, um sacrilegio, e o que elle sentia pela Izabelinha era apenas o resultado do natural influxo d'aquella mulher tentadora, que parecia irradiar em torno de si ethereos esplendores.

No entretanto, o Joãozinho começava outra vez a sentir-se triste;

do esmaecer do dia, sobresahiam como azas abertas de enormes albatrozes, parecia captivar-a particularmente, com o atractivo mysterioso e profundo que o aspecto do mar exerce sobre todas as organizações impressionaveis. N'aquella seismadora indolencia, envolta nas pregas da sua bata de musselina branca, tinha o aspecto phantastico das virgens ideaes das balladas germanicas. O Joãozinho approximou-se d'ella, muito subtilmente, e quedou-se a olhal-a por instantes. Nunea a prima lhe parecerera tão divinamente bella. Elevado n'aquella contemplação deliciosa, elle sentia o coração bater-lhe com descompassado alvoroço, e nos olhos scintillava-lhe um estranho fulgor. Depois, como que assaltado de uma tentação subita e irresistivel, approximou-se d'ella, cingiu-lhe meigamente o busto delicado e flexivel, e collando os labios tremulos aos labios gentis da priminha, depoz n'elles um ardente e prolongado beijo.

A Izabelinha, sem que se revelasse indignada, soltou apenas um grito abafado, fez-se muito vermelha, deixou pender a cabeça sobre o peito, e cerrou os olhos cheia de uma encantadora confusão. Quanto ao primo, esse, como que tomado de um sentimento de horror pela ousadia do seu delicto, deitou a fugir envergonhado, indo encerrar-se no quarto, e ali chorou sosinho as primeiras lagrimas do amor, lagrimas dulcificantes, lagrimas deliciosamente pungitivas... E no dia immediato declarava aos primos que regressava a Lisboa, por querer passar na companhia dos paes os dias que lhe restavam de férias.

Quando voltou para o collegio sentiu confranger-se-lhe o coração, e nos primeiros dias assaltaram-n'o as mais desoladoras saudades no isolamento forçado, n'aquellas salas espaciaes vigiadas pelo olhar auctoritario de professores pedantes, ou nas extensas camaratas, silenciosas e tristes, onde as noites lhe pareciam interminaveis, e onde os rigores da disciplina tinham exigencias absurdas e ferozes.

Foi n'uma d'essas horas de intensa e cruetante magua que elle tentou expandir pela valvula da poesia as lagrimas que lhe respingavam o peito. E escreveu estes versos:

### O MEU CRIME

Vaquelle beijo apaixonado e ardente  
Que depoz de teus labios na frescura,  
Num instante aspirei, soffregamente,  
Undas de nectar de ideal doçura.

Se te manchou a minha bocca impura,  
O pallida rocem meiga e dolente!  
Supplente:—perdão, foi loucura!  
Cedi a tentação, inconsciente.

Mas não foi só loucura, foi um crime,  
E se um negro remorso hoje me opprime  
E a dor me dilacera o coração.

E' que eu—bem o presinto—é que eu receio  
Que o meu crime não tenha no teu seio  
Uma lagrima so de compaixão!

O soneto foi publicado n'um jornal litterario redigido por academicos. Quando esse jornal lhe chegou ás mãos, Eduardo Gonçalves soltou uma expansiva gargalhada, e aspirando com voluptuosidade o fumo do seu charuto, exclamou desdenhosamente:

—Criançeiros, criancieiros! E o caso é que o pequeno tem gosto para a poesia, mas como a poesia não é modo de vida, bem seria que tratassem de lhe pôr cõbro em tão derranca-da bossa.

A Izabelinha, porém, limitou-se a sorrir com tristeza á observação do marido, e voltando o rosto, agitada n'um pequenino fremito nervoso, enxugou com a polpa rosada dos seus finos dedos uma lagrima inoportuna que lhe pendia das palpebras...

MAGALHÃES FONSECA.

### CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Em todo o Portugal	Em todo o Brasil
Anno, 52 numeros... 1\$560 réis.	Anno, 52 numeros... 8\$000 rs. fr.
6 mezes, 26 numeros... 780 "	6 mezes, 26 numeros... 4\$000 " "
3 mezes, 13 numeros... 390 "	Avulso..... 200 " "
No acto da entrega... 30 "	

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria

Typographia do «Diário Illustrado»—Travessa da Queimada, 35, Lisboa



DEITANDO O BARCO A NADO

os alegres passeios campesinos já o não distrahiam como d'antes, e em certos momentos a despreocupação de espirito cedia lugar a um desalento profundo ou a uma implacavel irritação do nervos, que embalde tentava dissimular.

Uma tarde, a galante priminha largára da mão o livro de leitura e assomára a janella do *chalet*, um dos mais pittorescos que bordavam a estrada, caprichosamente desenhada em zig-zagues, como uma fita estendida ao longo d'aquella vegetação exuberante e opulenta. As sombras ligeiramente brumosas do crepusculo começavam a alongar-se pelas encostas verdejantes e pela superficie espelheira do mar, onde o sol, prestes a sumir-se n'um glorioso creasce, punha reflexos sanguinolentos de uma pompa flamejante e triumphal. Izabel, languidamente debruçada sobre o peitoril, fitou por momentos o olhar indeciso na paisagem que em torno se esboçava, atravez da tenuissima poeira de opala derramada no ar mórno, cheio de uma tranquillidade e voluptuosa placidez. Sobretudo, a larga faxa do oceano que d'alli se avistava, e onde as veias brancas das muletas, n'aquella diffusão luminosa